

O simbólico na construção da imagem e do programa ideológico de Augusto: os mitos da fundação da Cidade

PAULO F. ALBERTO

Univ. Lisboa

Abstract: This paper focuses on the importance of the myths of the foundation of Rome in the construction of the public image and the promotion of the political program of Augustus. Within this field, a most important piece is the *Ara Pacis Augustae*, an emblematic monument designed by Augustus and his *entourage* to promote an ideological and political message in contemporary society, perpetuating it for future generations.

Keywords: Classical Culture; Roman Culture.

No ano 13 a. C., a 4 de Julho, o senado romano decreta a construção de um monumento para celebrar o regresso de Augusto a Roma, após três anos em campanha na Hispânia e na Gália. Tratava-se de um altar, à semelhança do que sucedera seis anos antes, quando se erigiu na Via Ápia, junto à Porta Capena, o altar da Fortuna *Redux*, que comemorava o retorno do *princeps* das províncias orientais¹. Esta foi a manifestação que o próprio Augusto escolheu, de entre as diversas propostas do Senado². De estilo arcaizante, a imitar os altares dos séculos IV-III a. C., foi inaugurado no ano 9, a 30 de Janeiro, dia de aniversário da esposa do *imperator*, Lúvia³.

O que mais desperta a atenção a quem hoje visita a Ara Pacis Augustae, já assim designada nas *Res Gestae Diui Augusti*, são os baixos-

¹ *Res Gestae* 11; Díon Cássio 54, 10. O regresso teve lugar a 12 de Outubro de 19 a. C. e o altar foi dedicado a 15 de Dezembro. Anualmente, no dia do regresso de Augusto, que passou a chamar-se *Augustalia*, os pontífices e as Vestais realizavam nele um sacrifício. Uma representação encontra-se num denário de Q. Rústio do ano 19 a. C. (C. H. V. SUTHERLAND – R. A. G. CARSON, *The Roman Imperial Coinage* (London 21984) I, 45, n.º 54a). O presente artigo constitui o texto proferido numa sessão na Universidade de Aveiro, a 27 de Março de 2003, integrada num ciclo de conferências da revista *Ágora*.

² Díon Cássio 54, 25 (por exemplo, um altar no Cúria com a mesma função); *Res Gestae* 12.

³ O dia da inauguração é dado por Ov. *Fasti*, 1, 709-724.

relevos que cobrem as paredes e o próprio altar. Trata-se, é certo, de motivos basilares na cultura da época e evocam-nos, de imediato, páginas tão familiares, como as de Vergílio, Horácio, Propércio, Tito Lívio e tantos outros. Porém, desde logo se torna evidente que eles não são aqui meros objectos ornamentais: eles desenham, acima de tudo, um programa escultório que exprime uma perspectiva política e ideológica. À direita da entrada dos sacerdotes, um painel retrata Eneias a celebrar um sacrifício aos Penates, na presença de Ascânio/Julo (e, de novo, visualizamos a *Eneida*), a que não falta a porca branca com os trinta leitões, associada à fundação de Lavínio; no da esquerda, deparam-se-nos Rómulo e Remo, com as míticas figueira Ruminal e caverna Lupercal, tendo como observadores Marte e o pastor Fáustulo (o que nos traz à memória justamente o primeiro dos medalhões do famoso escudo do herói troiano na *Eneida*, ou o texto de Tito Lívio abaixo citado). No lado oposto, temos duas alegorias: o painel da direita dispõe Roma, rodeada de *Honos* e da *Virtus*, dois valores, também divinizados, tão caros aos Romanos da geração augustana; no da esquerda, ladeada pela Terra e pelo Mar, observamos uma figura feminina divina com atributos que a associam à abundância.

Os motivos inscritos neste altar revestem-se ainda de um interesse especial para o amante de cultura romana. Mais do que simples tópicos no ambiente da época, eles são justamente alguns dos elementos simbólicos que Augusto utilizou ao longo da sua vida para construir a sua imagem pública e, graças a esta, alcançar o poder, e que desde sempre integraram os processos de divulgação dos seus propósitos ideológicos. Neste ponto, a Ara Pacis tem um significado fulcral. Trata-se de uma obra de encomenda, concebida por Augusto e pelos seus ideólogos para ser a expressão de um programa. O próprio contexto arquitectónico e espacial é extremamente significativo. Situava-se no Campo de Marte, no final da Via Flamínia, junto ao gigantesco relógio de sol mandado construir igualmente no ano 13 e inaugurado eventualmente a 10 a. C., cujo ponteiro era um enorme obelisco, hoje na Piazza di Montecitorio, que

comemorava a conquista do Egípto⁴, e do Mausoléu de Augusto, o maior túmulo do mundo antigo até àquela época, terminado em 28, em frente ao qual se deveria afixar justamente uma cópia das *Res Gestae Diui Augusti*⁵. De resto, o valor político e ideológico da Ara Pacis nunca deixou de ser reconhecido: moedas de Nero dos anos 64 a 67 representam o altar; em Cartago, havia uma cópia dos seus baixos relevos⁶.

Será minha intenção nas páginas seguintes percorrer a decoração da Ara Pacis e lembrar como os motivos nela contidos, designadamente os mitos da fundação da Cidade, foram manipulados e incorporados na construção do ideário e da imagem política de Augusto. Isto permitir-nos-á, espero, voltarmos a Vergílio, Horácio, Propércio e a outros autores da época, e compreender melhor as suas obras dentro do contexto social e cultural do seu tempo⁷.

⁴ Ver A. CLARIDGE, *Rome. An Oxford Archaeological Guide* (Oxford 1998) 190-192. É provável que no equinócio do Outono, a 23 de Setembro, o dia do nascimento de Augusto, o ponteiro apontasse precisamente para a *Ara Pacis*. O relógio estava centrado no solstício de Inverno, em Capricórnio, no dia de concepção de Augusto (ver K. GALINSKY, *Augustan Culture* (Princeton 1996) 146-147).

⁵ Suet. *Aug.* 101.

⁶ B. SPAETH, 'The Goddess Ceres in the Ara Pacis Augustae and the Carthage Relief', *AJA* 98 (1994) 65-100; GALINSKY, *Augustan Culture*, 150.

⁷ Sobre a *Ara Pacis*, a bibliografia é vastíssima. Ver sobretudo G. MORETTI, *Ara Pacis Augustae* (Roma 1948); E. SIMON, *Ara Pacis Augustae* (Tübingen 1967) e *Augustus, Kunst und Leben um die Zeitwende* (München 1986) 29-46; 74-79; D. A. CONLIN, *The Artists of the Ara Pacis. The process of Hellenization in Roman Relief Sculpture* (Chapel Hill, NC – London 1997); M. TORELLY, *Typology and Structure of Roman Historical Reliefs* (Ann Arbor 1982) 27-61; E. LA ROCCA, *Ara Pacis Augustae, in occasione del restauro della fronte orientale* (Roma 1983); J. POLLINI, *AJA* 90 (1986) 453-460; R. BILLOWS, *JRA* 6 (1993) 80-92; D. E. E. KLEINER, 'The Great Friezes of the Ara Pacis Augustae. Greek Sources, Roman Derivatives and Augustan Social Policy', *Mél. Rome* 90 (1978) 733-385; D. CASTRIOTA, *The Ara Pacis Augustae and the Imagery of Abundance in Later Greek and Early Roman Imperial Art* (Princeton 1995); K. GALINSKY, *Aeneas, Sicily and Rome*, (Princeton 1969) 191 sqq.; E. SIMON, *Augustus. Kunst und Leben in Rom um die Zeitwende*, (München 1986) 30 sqq.; F. S. KLEINER, 'The arch in Honor of C. Octavius and the Fathers of Augustus' *Historia* 37 (1988) 347-357; G. KOEPEL, 'The Grand Pictorial Tradition in Roman Historical Representation during the Early Empire', *ANRW* II.12 (1982) 507-535; 'The Role of Pictorial Models in the Creation of the Historical Relief during the Age of Augustus' in R-Winkes, *The age of Augustus* (1985) 89-106; 'Die historischen Reliefs der römischen Kaiserzeit: Ara Pacis Augustae', *BonnJbb* 187 (1987) 101-157

*

Primeiramente, recordemos o lugar programático dos mitos da fundação no seio dos processos de propaganda augustana. Quando Júlio César faleceu, a 15 de Março de 44 a. C., o seu sobrinho-neto Gaio Octávio contava pouco mais de 18 anos. À partida, não parecia ter muitas hipóteses de vir a desempenhar um papel relevante no complexo jogo político da altura. Cícero e outros experimentados políticos tinham para com ele um misto de paternalismo condescendente e uma convicção de que facilmente o viriam a manipular mais tarde. Contava, todavia, com uma agudíssima compreensão da importância da imagem no trajecto político. Para a construir, porém, ele não dispunha dos elementos tradicionais: figura imponente, reputação política, prestígio militar. Com efeito, no campo da vida pública, Octaviano não tinha qualquer experiência, estatuto ou prestígio: era, de resto, muito jovem para tal. E apesar das pretensões literárias⁸, ele não gozara tão-pouco de qualquer experiência forense. Além disso, a sua figura era, no mínimo, segundo Suetónio⁹, fraquíssima: de baixa estatura, de constituição débil, de saúde frágil (ficaram célebres as suas doenças sucessivas e persistentes), não se podia impor pelo porte nem pelos seus dotes de orador e condutor de multidões. No plano militar, também não se distinguiu particularmente. Na batalha do primeiro dia em Filipos, que ele passou doente no acampamento, terá fugido antes de este ser tomado por Bruto, como até Mecenas e Agripa, os seus dois mais fiéis companheiros, confessavam (se bem que tivesse feito constar que saíra por ter sido avisado num sonho pelo seu médico favorito)¹⁰; em Áccio, ficou em terra; em certa ocasião

e 188 (1988) 97-106; K. GALINSKY, 'Venus, Polysemy, and the Ara pacis Augustae', *AJA* 96 (1992) 457-475; N. HANNESTAD, *Roman Art and Imperial Policy*, Aarhus (1986) 62-78. Uma boa síntese dos aspectos culturais implícitos na Ara Pacis encontra-se em K. GALINSKY, *Augustan Culture* (Princeton 1996) 141-155, e em P. ZANKER, *The power of Images in the Age of Augustus* (Ann Arbor 1990).

⁸ Sobre os interesses e práticas literárias de Augusto, ver Suet. *Aug.* 84-89.

⁹ Suet. *Aug.* 79-82.

¹⁰ Veleio Patérculo 2, 70, 1; Suet., *Aug.* 91, 1; Plínio, *nat. hist.* 7, 148 (Mecenas e Agripa confessam a fuga de Octaviano).

durante a guerra na Sicília contra Sexto Pompeio, Octaviano terá adormecido profundamente mesmo quando a batalha estava a começar, de tal forma que os companheiros tiveram de o acordar para iniciar o confronto, o que forneceu abundante matéria de chacota à propaganda dos adversários políticos¹¹. Tudo ao contrário, por exemplo, do seu mais importante rival, Marco António, cônsul do ano da morte de César e seu fiel general, um homem de bela presença, orador empolgante, político sensato, que tinha evitado um banho de sangue nos dias seguintes ao assassinato do *dictator perpetuus*, em nome da concórdia cívica e para evitar que ao crime se somasse uma criminosa guerra civil¹².

Octaviano vai, pois, ter de construir a sua imagem política de uma forma totalmente distinta. Se nada podia no campo da intervenção na vida pública, do prestígio junto do povo e da aristocracia romana, do brilho militar, nem do lado das instituições, das leis ou do poder instituído, volta-se para elementos menos comuns, mas não invulgares, no debate político: para motivos simbólicos retirados da herança cultural romana. E, de entre estes, têm um lugar preponderante os mitos concernentes à fundação da Cidade.

O facto de Júlio César, poucos meses antes de morrer, o ter alegadamente adoptado no seu testamento¹³, conferia a Octávio a condição de herdeiro político. Este elemento crucial (e quase único, diríamos) para as suas aspirações será explorado até às últimas consequências. Desde logo enverga o estatuto de filho que vinga o pai e que assume os seus projectos. Suetónio afirmava que era essencialmente isto que o movia: ‘nihil conuenientius ducens quem necem auunculi uindicari tuerique acta’ (*Aug.* 10). Horácio, numa ode escrita algures entre 29 e 27, apoda-o de *Caesaris ultor* (*carm.* 1, 2, 44); nos *Fastos*,

¹¹ Suet. *Aug.* 16 (embora em *Aug.* 10 Suetónio diga que revelou coragem em Mútina).

¹² Para um elenco tradicional dos defeitos de Augusto, veja-se o passo clássico dos *Anais* de Tácito (1, 10).

¹³ O testamento é de 13 de Setembro de 45, ou seja, nem seis meses tinham passado. Ver Veleio Patérculo 2, 59; Suet. *Iul.* 83; Apiano, *BC* 2, 20, 143; R. SYME, *The Roman Revolution* (Oxford 1939) 112 sqq.

Ovídio termina o longo trecho sobre os Idos de Março nos seguintes termos: ‘este foi o trabalho, este o dever (*pietas*), esta a primeira tarefa de César: vingar, com armas justiceiras, a morte do pai’ (*fast.* 3, 709-710). ‘Que eu possa alcançar o estatuto de meu pai’, jurou Octaviano numa reunião de finais de 44 a. C. estendendo a mão direita para a estátua do ditador, como descreve Cícero ao seu amigo Ático (que, diga-se, acrescenta: ‘oxalá eu jamais tenha de ser salvo por um tal indivíduo!’)¹⁴. Este estatuto de filho de César e, na prática, de seu continuador, era, pois, crucial para a sua sobrevivência política. É por isso que, contra a vontade dos seus companheiros de triunvirato, provoca em 42 a guerra contra os assassinos de César, assumindo assim o papel do filho *pius* que vinga a morte do pai e procede à prossecução dos seus projectos.

Significativa é a forma como usou e abusou do nome que a adopção lhe conferiu: C. Júlio César Octaviano. Logo após a morte de César passa a identificar-se apenas como Gaio Júlio César; a partir da deificação de César em 42, passa a intitular-se ‘*Diui Iulii filius*’ e desde 38 ‘*Imperator Caesar*’¹⁵. Suetónio conta que a importância deste nome era tal que no ano 36, durante a guerra contra Sexto Pompeio, tendo problemas com Lépido, que não lhe queria entregar algumas legiões que tinha à sua guarda, Octaviano se dirigiu ao acampamento daquele desarmado e trouxe as legiões consigo, apenas pelo respeito que o nome ‘César’ infundia¹⁶. Os contemporâneos tinham a noção disto mesmo. ‘Tu deves tudo ao teu nome’, terá afirmado publicamente Marco António¹⁷.

A própria divinização de César foi factor fundamental. Durante os *Ludi Victoriae Caesaris* em Agosto de 44, promovidos por Octaviano (jogos dedicados a Vénus *Genetrix* e a Vénus *Victri*, que César costumava realizar todos os anos), teria surgido um cometa que esteve visível

¹⁴ Cícero, *epist. ad Atticum* 16, 15, 3.

¹⁵ Veleio Patérculo acrescenta que a mãe e o padrasto, Marco Filipo, estiveram contra a adopção do nome por parte de Octaviano, que tanta inveja tinha despertado, mas que ‘a sua mente divina desprezou os conselhos humanos’ (2, 60, 1-2).

¹⁶ Veleio Patérculo 2, 80, 3.

¹⁷ Cícero, *Phil.* 13, 11, 24.

durante sete dias¹⁸. Tal foi interpretado como um sinal da apoteose de César (se bem que, segundo Plínio, Octaviano tivesse a opinião secreta de que se referia a si próprio)¹⁹. Como símbolo evocativo, mandou colocar uma estrela sobre a cabeça da estátua de César que em breve foi erigida no fórum, tal como retrata um denário do ano 12 de L. Lêntulo, e adoptou-a como emblema para si²⁰. O *sidus Iulium* passou a figurar em moedas²¹ e a ser evocado por poetas, como Horácio em famosa ode anterior ao ano 23 (1, 12, 47)²², Vergílio na célebre quadro da batalha de Áccio (*Aen.* 8, 680-681)²³ ou Ovídio na sua descrição da apoteose de César no final das *Metamorfoses* (15, 832-851). Por outro lado, numa história singularmente semelhante à que envolve a apoteose e divinização de Rómulo, um arúspice de nome Vulcácio apareceu a interpretar o cometa como sinal de uma nova era de felicidade e abundância (*Serv. ecl.* 4, 46-47). Ora, isto vinha precisamente ao encontro dos princípios programáticos que Octaviano procurava promover.

De qualquer forma, a 1 de Janeiro de 42, César é proclamado *diuus* e decreta-se a construção no fórum de um templo a ele dedicado²⁴, que será inaugurado em 29²⁵. Um velho partidário de César, Rufreno²⁶, faz também aprovar uma deliberação que estende o seu culto às cidades da Itália. Isto permitiu a Octaviano intitular-se 'Divi filius', título comum

¹⁸ Suet. *Iul.* 88.

¹⁹ Plínio, *nat. hist.* 2, 93-94 'haec ille in publicum; interiore gaudio sibi illum natum seque in eo nasci interpretatus est; et si uerum fatemur, salutare id terrius fuit'.

²⁰ J.-B. GIARD, *Catalogue des monnaies de l'empire romain, I. Auguste* (Paris 1976) n.º 555. Ver também Sérvio 'auct.', *Aen.* 8, 681 'ipse uero Augustus in honorem patris stellam in galea coepit habere depictam'; *ecl.* 94 'quam [i.e. stellam] quidam ad inlustrandam gloriam Caesaris iuuenis pertinere existimabant'.

²¹ Ver denário de M. Sanquínio do ano 17 a. C. (GIARD, op. cit., 71, n.º 273).

²² R. G. M. NISBET e M. HUBBARD (*A commentary on Horace, Odes, Book I* (Oxford 1990) 162-163) consideram que por *sidus Iulium* Horácio se refere essencialmente a Augusto; esta conclusão contrapõe-se à interpretação habitual, de que neste passo Horácio se refere a César.

²³ Com comentário de K. W. GRANDSEN (Cambridge 1976) 176-177.

²⁴ Díon Cássio 47, 18, 4.

²⁵ *Res Gestae* 19; Díon Cássio 51, 22, 2.

²⁶ Cíc. *Fam.* 10, 21, 4; *Lex Rufrena* (ILS 73-73a).

nas suas emissões de moeda²⁷. Ciente da importância da imagem criada por tal estatuto, nunca deixou de promover o culto ao Divino Júlio. No final da batalha de Perúsia, em 41, sacrifica 300 senadores e cavaleiros num ritual religioso nos Idos de Março (justamente o dia da morte de César), diante de um altar dedicado ao Divino Júlio²⁸. Em Outubro de 42, por alturas da batalha de Filipos, faz o voto de erigir um templo a Marte *Ultor*, a que me referirei mais abaixo, que albergava três deuses: Marte, o antepassado divino do povo romano, *Vénus Genetrix*, divindade protectora e antepassado mítico da família Júlia, e o Divino Júlio. Desta forma, Octaviano procurava fazer passar a imagem de *pietas* para com o pai e, simultaneamente, para com a divindade.

Ser filho adoptivo de César trazia sobretudo uma implicação no plano simbólico e cultural. De acordo com uma tradição atestada pelo menos desde Catão²⁹, a *gens* Júlia dizia-se descendente de Julio, que, numa das versões do mito, se identificava com Ascânio, filho do mítico Eneias³⁰. Esta ascendência fora já publicamente assumida por César na

²⁷ Veja-se, por exemplo, o áureo de Octaviano por volta do ano 40 (M. H. CRAWFORD, *Roman Republican Coins* (London 1974) n.º 516.1) e o sestércio de 40 (CRAWFORD, n.º 535.1), o denário de 38 (CRAWFORD, n.º 534.2), o denário de 36 com o templo do Divino Júlio (CRAWFORD, n.º 540.2), a emissão de áureos e denários logo após a batalha de Áccio (GIARD, op. cit., n.º 82-84), os denários de 19 e 17 (GIARD, n.º 19 e 279 respectivamente).

²⁸ Suet. *Aug.* 15; Díon Cássio 48, 14, 4; Séneca, *clem.* 1, 11; SYME, op. cit., 212.

²⁹ Fragm. 9 Peter; *Aen.* 1, 267-268 'At puer Ascanius, cui nunc cognomen Iulo | additur (Iulus erat, dum res stetit Ilium regno)' (com comentário de R. G. AUSTIN, *Aeneidos Liber Primus* (Oxford 1971) 103-104); *Ov. met.* 14, 609; Ver R. OGILVIE, *A commentary on Livy* (Oxford) 42-43; ver R. G. AUSTIN, *Aeneidos Liber Primus* (Oxford 1971) *ad Aen.* 1, 267.

³⁰ Esta identificação não era incontroversa. Tito Lívio mostra-se mais cauteloso (1, 3, 2-3): 'Não especularei — quem, na verdade, poderá afirmar como certo um facto tão antigo? — se este era Ascânio ou um irmão mais velho, filho de Creúsa, nascido quando a região de Ílio ainda estava intacta, e que acompanhou o pai na fuga, o mesmo Julio que a *gens* Júlia declara autor do seu próprio nome. Este Ascânio, onde quer que tenha nascido e quem quer que tenha sido a sua mãe — é geralmente aceite que ele é, sem dúvida, filho de Eneias —, deixou para a mãe, ou madrastra, Lavínia, uma cidade rica como era então e florescente...'. Dionísio de Halicarnasso (1, 70, 3-4) regista uma outra versão segundo a qual Julio seria filho de Ascânio e que fora

laudatio fúnebre de uma sua tia Júlia³¹, e é a versão consagrada na *Eneida* (1, 286-288):

*Nascerá um troiano, César, de nobre linhagem,
Que porá como limite ao seu império o Oceano e à sua fama os astros,
um Júlio cujo nome descende do grande Julio*³².

No *Carmen Saeculare*, Horácio interpelará Octaviano como ‘ilustre sangue de Anquises e Vénus’ (50).

A divindade protectora da família Júlia era, por isso, Vénus *Genetrix*. E era justamente consagrado a esta divindade o templo que César mandou erigir no seu fórum³³; um denário do ano 44 de César oferece numa das faces Vénus *Victrix*, e um outro de 46 apresenta Eneias a fugir de Tróia, com o pai e os penates³⁴.

Ter um antepassado divino ou mitológico na origem de uma família não era assim tão invulgar. Afinal, os Antónios diziam-se descendentes de Ánton, um desconhecido filho de Hércules: moedas do ano 42 representam justamente Marco António e, na outra face, Ánton³⁵. Por seu lado, Plutarco descreve como o triúnviro apreciava que o achassem parecido com Hércules³⁶. Mas é Augusto que vai explorar de forma decisiva uma ascendência mítica. A figura de Eneias, além da proveniência divina que isso representava, trazia uma vantagem: a de simbolicamente se poder assimilar à ideia de renascimento, de renovação, de refundação de Roma. Este é um dos conceitos basilares mais caros à ideologia augustana. A origem de Octaviano confundia-se assim com a

privado do reino por Sílvia, seu tio e filho de Eneias e de Lavínia, usufruindo como contrapartida de uma certa autoridade em assuntos religiosos.

³¹ Suet. *Iul.* 6; ver também Apiano, *Bellum civile* 2, 68.

³² Veja-se comentário de R. G. AUSTIN, *Aeneidos Liber Primus* (Oxford 1971) 108-110), que equaciona todas as hipóteses sobre se o passo citado se refere a César ou a Augusto.

³³ Suet. *Iul.* 78.

³⁴ CRAWFORD, op. cit., n.º 480.5 e 458.1.

³⁵ Áureo de L. Livineio Régulo de 42 a. C. (CRAWFORD, op. cit., n.º 494. 2a).

³⁶ Plut. *Ant.* 4. Uma gema esculpida de anel, hoje no Museu Nacional de Nápoles, apresenta Marco António representado como Hércules (ZANKER, *The Power of Images*, 45).

gênese do próprio povo romano. Já no ano 42 um denário de L. Régulo apresenta numa das faces Eneias a fugir de Tróia com Anquises³⁷.

O mito de Eneias, património da família Júlia que o jovem Octávio ostensivamente assumiu, não bastava ao filho adoptivo de César e aos seus ideólogos. E cedo à lenda troiana se juntou a de Rómulo e Remo, que, já pelo menos desde a segunda metade do século IV, se articulava com aquela (Álcimo de Siracusa, FGH 560 F 4).

A escolha do título que Octaviano obteve em Janeiro de 27 a. C., quando regressou das campanhas na Hispânia e na Gália e devolveu ao senado os seus poderes extraordinários, é extremamente significativa. Por proposta de L. Munácio Planco, um velho partidário de César de hábeis lealdades temporárias, o senado confere-lhe o título *Augustus*³⁸. Ora, inicialmente, segundo Suetónio e Díon Cássio, tinha sido pensado o nome Rómulo, o que iria bem com o programa ideológico do *princeps*: representava a noção de refundação da Cidade, de renovação da sociedade romana. Além disso, era elemento emblemático facilmente reconhecível. Já Camilo, o grande herói republicano, fora aclamado, segundo Lívio, como ‘Romulus ac parens patriae conditorque alter urbis’³⁹. Contava-se, de resto, um episódio singularmente apropriado: quando em 43, após a batalha de Múтина, iniciou o seu consulado, doze abutres ter-se-iam oferecido à vista de Octaviano quando tomava os auspícios, tal como a Rómulo, quando se tratou de escolher quem fundaria a cidade e seria o seu primeiro rei⁴⁰. E Vergílio, antes do ano 29, designará

³⁷ British Museum inv. RR 4258; CRAWFORD, n.º 494.3a; ZANKER, *The Power of Images*, 35.

³⁸ *Res Gestae* 34; Veleio Patérculo 91, 1; Suet. *Aug.* 7, 2; Díon Cássio 53, 16, 7-8.

³⁹ Lívio 5, 49, 7. No debate político, a figura de Rómulo era habitual. Em Salústio (*hist.* 1, 55, 5) Sula é apodado de *saeuos iste Romulus* e numa invectiva contra Cícero (Ps.-Sal. *In Ciceronum* 4, 7), o orador é interpelado como *Romule Arpinas*, o ‘Rómulo de Arpino’.

⁴⁰ Suet. *Aug.* 95; SYME, *Roman Revolution*, 186.

Octaviano justamente como Quirino (ou seja, Rómulo divinizado)⁴¹. O templo de Quirino, no qual figurava Rómulo a tomar o *augurium*⁴², foi por Augusto reconstruído e inaugurado em 16 a. C..

Contudo, no contexto político da década de 20, adoptar o nome Rómulo não era aconselhável. Evocava a morte de Remo, e muitos espíritos poderiam associar a fundação da Cidade, em que um irmão mata outro, com a guerra civil e a morte de António. Daí terem optado por um adjectivo do âmbito religioso. Mas mesmo assim, aos olhos da sociedade, o termo ‘augusto’ estava associado justamente a Rómulo e à fundação da cidade. É que ele ocorria num verso famosíssimo de Énio transmitido por Varrão (*Re rustica* 3, 1, 2), tal como é explicitamente assinalado por Suetónio (*Aug.* 7, 2):

‘augusto augurio postquam incluta condita Roma est’.

Por outro lado, o sentido religioso do termo era também muito importante (Ovídio, *Fastos* 1, 608-612)⁴³:

*Este [Augusto] tem um nome que iguala o do supremo Júpiter.
Aos locais santos os nossos antepassados chamam augustos, augustos são
chamados
Os templos, consagrados ritualmente pela mão dos sacerdotes.
Da raíz desta palavra vem augúrio,
E tudo aquilo que Júpiter faz crescer pelo seu poder.*

Se Rómulo era um título incómodo, invocar Marte como deus protector e como motivo programático já não o era. E, no fundo, tinha o mesmo significado simbólico. Augusto demonstrou sempre uma predilecção especial pelo pai dos gémeos. Em Outubro de 42, em Filipos, faz o voto de erigir em Roma, no fórum que manda construir, um templo a Marte *Utor*, que Ovídio descreverá nos *Fastos* (5, 545-598)⁴⁴. O templo,

⁴¹ Verg. *georg.* 3, 27 (com comentário de R. A. B. MYNORS (Oxford 1990) 184); *Aen.* 1, 292 ‘Remo cum fratre Quirinus’.

⁴² *Res Gestae* 19.

⁴³ Ver também Floro 2, 34, 66.

⁴⁴ Suet. *Aug.* 29; *Res gestae* 21, 1. Ver P. ZANKER, *Forum Augustum: das Bildprogramm*, Tübingen, 1968.

inaugurado apenas em 2 a. C., tinha dimensões imponentes, como os restos de colunas ainda hoje nos sugerem; a decoração era sumptuosa, tal como se vê num baixo relevo de um altar de época de Cláudio e nos capitéis que chegaram até nós⁴⁵.

A cela albergava três deuses: Marte, Vénus *Genetrix* (a deusa protectora da gens Júlia)⁴⁶ e o Divino Júlio. No pedimento, Marte *Ultor* ocupava o centro, tendo à sua direita Vénus segurando um ceptro e Rómulo e, à sua esquerda, as deusas Fortuna e Roma; na base, o monte Palatino e o Tibre. De cada lado do templo, havia uma éxedra com um programa claríssimo: ao centro de uma delas, um grupo escultório representava Eneias a sair de Tróia em chamas, levando Anquises, Ascânio e os Penates, tal como se encontra retratado numa pintura de Pompeios⁴⁷; de um lado, viam-se os Júlios, do outro os reis de Alba Longa (ou seja a descendência real de Julo/Ascânio). Na outra éxedra, estava Rómulo, representado como um *triumphator*, ladeado por personalidades ilustres da história romana. Ora, na lista oficial dos *Fasti*, que estava afixada no arco triunfal de Augusto no fórum, junto ao templo consagrado a César, Rómulo era apresentado como o primeiro a celerar um triunfo, depois de vencer o rei Ácron de Cénina; teria então dedicado as armas deste como *spolia opima* no templo de Júpiter Ferétrio, que Octaviano mandou reconstruir antes da batalha de Áccio⁴⁸. Rómulo é, pois, retratado como *exemplum uirtutis*: ele é, como Propércio aclamará, ‘urbis uirtutisque parens’ (4, 10, 17). Nas duas alas que ladeavam a praça e conduziam ao templo, alinhavam-se estátuas de homens que ao longo da história da Cidade se tinham distinguido militarmente⁴⁹. Ao centro da praça,

⁴⁵ ZANKER, *The Power of Images*, p. 105. Sobre as obras de arte no fórum de Augusto, Plínio, *nat. hist.* 35, 27; 93-94.

⁴⁶ Ov. *trist.* 2, 295-296.

⁴⁷ G. E. RIZZO, *La pittura ellenistico-romana* (Milano 1929) 194; ZANKER, *The Power of Images*, 202; LMIC I (1981) 296 sqq.; C. DULIÈRE, *Lupa Romana* (Bruxelles 1979).

⁴⁸ Propércio 4, 10.

⁴⁹ T. J. LUCE, ‘Livy, Augustus, and the Forum Augustum’ in K. A. RAAFLAUB and M. TOHER, *Between Republic and Empire. Interpretations of Augustus and his Principate* (Berkeley-London 1990) 123-138 (bibliografia, n. 1-2).

encontrava-se uma enorme estátua de Augusto, de vestes triunfais, a conduzir uma quadriga, na base da qual estava inscrito o título 'Pater Patriae'⁵⁰; na arquitrave constava o nome do *princeps* em grandes letras.

Este não é o único testemunho do interesse de Augusto em associar Marte à sua imagem. No Capitólio, mandou erigir um outro templo a Marte, de forma circular e dimensões pequenas, dedicado a 12 de Maio de 20 a. C., que se encontra representado em moedas de Pérgamo do ano 19 a. C.⁵¹, e em denários da Hispânia de 19/18⁵². E num denário de 17 a. C. vemos uma estátua de Marte *Utor* com as insígnias das legiões perdidas por Crasso depois de recuperadas por Augusto⁵³.

A intenção programática de identificar a figura de Augusto com os mitos da fundação de Roma, e particularmente com Rómulo, é visível não apenas no campo onomástico ou no da arquitectura e escultura. Suetónio conta que a primeira casa que Augusto teve em Roma, e que pertencera ao orador Calvo, ficava junto ao fórum, por cima das *Scalae Anulariae*; depois, mudou-se para o cimo do Palatino, no espaço entre o Cérmalo e o Palatino propriamente dito, para uma casa que fora do orador Hortênsio⁵⁴. Sintomático é o que leva Augusto a ir viver neste local e não numa das zonas ricas e reputadas de Roma, como as Esquílias ou as Carinas. A razão é simples: este era considerado precisamente o lugar onde Rómulo e Remo teriam sido acolhidos na infância (aliás, em certas versões, o pastor que acolhera os gémeos chamava-se justamente Cérmalo e não Fáustulo). No mesmo sítio teria ficado o palácio do lendário rei Evandro. De resto, junto aos prédios que compunham a morada de Augusto ficava

⁵⁰ *Res Gestae* 35.

⁵¹ GIARD, op. cit., n.º 989.

⁵² MATTINGLY, *Coins of the Roman Empire in the British Museum* (London 1923) I, n.º 369.

⁵³ GIARD, op. cit., n.º 1016.

⁵⁴ Suet. *Aug.* 72.

uma cabana antiquíssima, que era escrupulosamente preservada, designada ‘casa Romuli’, a que Propércio se referirá (2, 16, 20)⁵⁵.

Este aspecto faz-nos lembrar a famosa cena de Evandro e Eneias no livro VIII da *Eneida*, quando estes se dirigem para o palácio do rei, repleta de pormenores etiológicos. Para os contemporâneos de Vergílio, resultaria flagrante o contraste entre a simplicidade pura e bucólica daquela época de heróis e a riqueza e ostentação dos tempos contemporâneos: evoca-se o Capitólio, nesse tempo erigido de bosques, e onde um dia se situará o asilo de Rómulo, agora coberto de ouro; o fórum e as Carinas, onde pastavam bois, agora um amontoado de luxuoso mármore (segundo Suetónio, este era precisamente um dos pontos de que Augusto se ufanava: ter encontrado uma cidade de tijolos e tê-la deixado de mármore)⁵⁶. No final do trajecto, chegam ao cimo do Palatino. Evandro oferece dormida a Eneias na sua morada humilde (*Aen.* 8, 362-368):

*“Este limiar”, disse,
“Alcides atravessou, vencedor; este palácio recebeu-o.
Ousa, ó hóspede, desprezar as riquezas e torna-te também
digno de um deus, e caminha, sem desdém, para a nossa pobreza”.
Assim disse, e conduziu o grande Eneias para dentro,
sob os tectos da sua apertada morada, e instala-o num leito
feito com folhas e a pele de uma ursa da Líbia.*

Ora, o local referido por Vergílio era precisamente o mesmo onde se encontrava o complexo residencial de Augusto. O contraste entre a humildade do palácio do lendário rei, o introdutor da escrita e da civilização no espaço que um dia será Roma, e a ostentação dos edifícios do conjunto habitacional de Augusto era, assim, evidente. Um Ovídio desgostado e impaciente por não ver alterações na sua situação de exilado refere-se à morada do *princeps* num delicioso *pastiche* do passeio de Eneias e Evandro: “Enquanto tudo admiro, vejo trancas que se distin-

⁵⁵ Dionísio de Halicarnasso, 1, 79, 11; Plutarco, *Rom.* 20 (ficaria junto das *Scalae Caci*).

⁵⁶ Suet. *Aug.* 28, 3 ‘ut iure sit gloriatus marmoream se relinquere quam latericiam accepisset’; Díon Cássio 56, 30, 3.

guem pelas resplandecentes armas e uma morada digna de um deus. ‘Esta é a casa de Júpiter?’ perguntei” (*trist.* 3, 1, 33-35). É certo que Júpiter tem um sentido especial na obra ovidiana do exílio, designando especificamente Augusto; mas na descrição não deixa de haver um certo tom de crítica mordaz. Em suma, a razão que fez Augusto optar por viver naquele sítio preciso do Palatino prende-se com aspectos essencialmente simbólicos.

Temos, assim, as duas lendas da fundação fundidas e utilizadas no desenvolvimento da imagem e do projecto político de Augusto. Esta associação será levada até às últimas consequências. Vénus e Marte, que já desde os Poemas Homéricos eram um par amoroso, ganham um lugar preponderante na propaganda augustana. Um denário de Octaviano anterior ao ano 31 mostra Vénus com as armas de Marte⁵⁷. E, como vimos, o templo de Marte *Uitor* associava os dois deuses. Para mais, as duas divindades, Vénus e Marte, estavam enquadradas num mesmo programa espacial, pois o fórum de Augusto articulava-se com o fórum de César dedicado a Vénus.

*

Regressemos agora à Ara Pacis e passemos à leitura do percurso decorativo nela inscrito. Na face da entrada dos sacerdotes depara-se-nos, como já disse, um quadro de cada lado. O da esquerda representa Rómulo e Remo. Sobre eles está Marte, o pai dos míticos fundadores de Roma segundo a versão ‘canónica’ que se sobrepôs a todas as outras⁵⁸; ao lado,

⁵⁷ GIARD, op. cit., n.º 19.

⁵⁸ Dionísio de Halicarnasso regista uma versão bem mais ‘terrena’: Reia Sílvia teria sido violada por um servidor num bosque de Marte ou então pelo próprio Amúlio (1, 77-79, 2). Noutra versão (1, 77, 2), já documentada em Fábio Pictor (citado em *Origo Gentis Romanorum* 20, 1), fora ela uma dia a um bosque sagrado de Marte buscar água, quando o céu se teria escurecido; desceu então uma figura sobrenatural de homem que a viola, indo-se embora envolto num nuvem. Sérvio ‘Auctus’ (*Aen.* 1, 273) regista outra: Reia Sílvia assusta-se com um lobo e esconde-se numa gruta onde é violada por Marte. Ver T. P. WISEMAN, *Remus. A Roman Myth* (Cambridge 1995) 160-168.

o pastor Fáustulo, que os acolheu e criou. Os elementos no painel eram comuns: o pastor Fáustulo, a figueira Ruminal, a loba — que era o animal sagrado de Marte —, a gruta Lupercal. O texto clássico é o de Tito Lívio (1, 4-5):

A vestal foi violentada. E como desse à luz dois gémeos, ou porque estava convencida disso, ou porque um deus sempre seria um autor menos desonroso para a sua falta, nomeia Marte como pai da sua prole de paternidade incerta. Todavia, nem os deuses nem os homens a salvaram, nem a ela própria nem aos seus filhos, da crueldade do rei. Agrilhoada, a sacerdotisa é enviada para a prisão. Quanto às crianças, o rei ordena que sejam lançadas ao rio. Ora aconteceu que, por um acaso da providência divina, o Tibre tinha inundado as margens e deixado charcos de água estagnada, e já não era mais possível chegar junto ao curso habitual da correnteza. No entanto, os homens que levavam os recém-nascidos ficaram com esperança de que estes se pudessem afogar, apesar de a água estar imóvel. Deste modo, como que cumprindo as ordens do rei, no ponto mais próximo da cheia, onde agora se encontra a figueira Ruminal — dizem que se chamava outrora Romular —, os servidores expõem as crianças. Naquele tempo, estes locais eram imensas vastidões desertas.

A tradição sustenta que, quando a superfície da água pouco profunda depôs a seco o cesto flutuante em que estavam os recém-nascidos, uma loba, levada pela sede, desceu dos montes que se erguiam em redor e desviou o seu caminho em direcção ao choro das crianças. Os úberos distendidos ofereceu aos recém-nascidos de uma forma tão dócil que um pastor do rebanho do rei — dizem que o seu nome era Fáustulo — a encontrou lambendo as crianças com a língua. Levou-as, então, para o seu casebre e confiou-as a Larência, sua esposa, para as criar. [...]

Diz-se que já naquele tempo se realizava este mesmo festival das Lupercais no monte Palatino, e que este era então chamado de Palâncio, a partir do nome Palanteu, uma cidade da Arcádia, só mais tarde sendo designado de monte Palatino. Foi aí, segundo dizem, que Evandro, oriundo daquela estirpe de Arcádios que há muitas gerações terá ocupado aqueles locais, instituiu esta cerimónia que trouxe da Arcádia. Nela, jovens competiam em corridas nus, com brincadeiras licenciosas, em honra de Pã Liceu a quem mais tarde os Romanos chamaram de Ínuo.

Este último aspecto, o das Lupercais, tinha um significado particular na geração de Augusto. Já Vergílio fizera Evandro

expressamente assinalar a Eneias o local da gruta Lupercal e explicar a origem das cerimónias (*Aen.* 8, 343-344). O próprio *princeps* fez reviver o *sacrum lupercale* (*Res Gestae* 19; *Suet. Aug.* 31). Evocava ainda um pormenor: fora nas Lupercais de 44 a. C. que ocorrera o célebre episódio no qual Marco António — por sinal, o chefe de um colégio de Lupercos, os *Iuliani*, fundado por César no ano anterior — colocou na cabeça de *dictador* a coroa com o diadema, e que este, apercebendo-se da reacção negativa da população, a recusou sob uma delirante ovação do povo.

No painel da direita vemos Eneias, acompanhado de Ascânio/Julo a sacrificar aos penates⁵⁹. A porca com os trinta leitões indicariam, segundo um oráculo, o local onde Eneias fundaria Lavínio (*Verg. Aen.* 3, 389-393; 8, 81-85). Sobre o significado deste painel, não são necessários mais comentários. O acto de *pietas* em que o troiano é retratado era emblemático:

*O nosso rei era Eneias, e nenhum outro foi mais justo
em pietas, nem maior na guerra e nas armas. (Aen. 1, 544-555)*

Ora, *pietas* é a mensagem que Octaviano desde sempre quis fazer passar: a de devotado filho que vinga o pai e que dá prossecução aos seus projectos.

No painel da direita do lado do público encontramos Roma rodeada de dois valores divinizados: *Honos* e *Virtus*. O templo de *Honos* e *Virtus* ficava perto da Porta Capena, não longe do altar de Fortuna *Redux* acima mencionado. *Pax*, *honos* e *uirtus* são justamente os valores que Horácio, no *Carmen saeculare*, afirma terem regressado à Terra na geração presente, juntamente com *Fides* e com *Pudor* (57-58). Augusto tinha-os em grande conta, e fez transferir a festa anual dedicada a *Honos* e *Virtus* para 29 de Maio, dia anterior ao primeiro dia dos Jogos Seculares⁶⁰. Aos pés da figura central encontram-se armas, simbolizando

⁵⁹ Dion. Hal. 1, 57 (e não a Juno como na *Eneida* 8, 84-85).

⁶⁰ Díon Cássio 54, 18, 2.

assim a força militar necessária a Roma para exercer a missão profetizada por Anquises (*Aen.* 6, 851-853).

O painel da esquerda é de maior complexidade. Ladeada por alegorias representando a terra (sentada num cisne, animal associado a Apolo e a Vénus) e do mar (levada por um animal marinho), surge uma figura que se interpreta geralmente como sendo a deusa Paz. Esta identificação deriva porventura da designação do altar que surge nas *Res Gestae*, em Ovídio e outros autores da época, mas deverá ter outras leituras: Vénus *Genetrix*, Ceres, Terra, Telus, Itália: é que falta à divindade o ramo de oliveira, como se pode ver nas moedas da época. A deusa Paz não tinha propriamente uma grande tradição em Roma. O grande templo de Paz, cujos vestígios ainda hoje podem ver, é do tempo de Vespasiano⁶¹. Mas já antes de 31 uma emissão de denários de Octaviano inclui numa face o *princeps* e na outra a deusa Paz⁶². E o intuito de fazer ressaltar tudo o que se relacione com a paz é constante na propaganda augustana. Em 29, quando Augusto regressa do Egipto, o senado decreta o fecho do templo de Jano, fazendo reviver assim uma cerimónia arcaica que só tinha ocorrido duas vezes antes (no tempo de Numa Pompílio, e em 235 a. C., após o final da Primeira Guerra Púnica)⁶³. Para celebrar a vitória sobre Sexto Pompeio, erige-se uma estátua, que está representada num denário de Octaviano antes de 31, em que se dizia na base da coluna: ‘restaurou na terra e no mar a paz, há muito tempo perturbada’⁶⁴.

O próprio termo *pax* tinha uma enorme e fecunda densidade de significados: pacificação, concórdia, civilização. Tudo isto se encontra na

⁶¹ Suet. *Vesp.* 9, 1; Plínio 12, 94; 34, 84; 35, 102-103; 36, 27. Foi inaugurado em 75 d. C. Ver A. CLARIDGE, *Rome. An Oxford Archaeological Guide* (Oxford 1998) 153-156.

⁶² Um denário de Octaviano de ca. 32-39 oferece a deusa Paz (SUTHERLAND – CARSON, *I*², 59, n.º 252), e um outro de ca. 31-28 reproduz a cabeça da deusa Paz, tendo na outra face Octaviano a discursar às tropas (SUTHERLAND – CARSON, *I*², 59, n.º 253). Um cistóforo de prata, emitido em Éfeso no ano 28, apresenta Octaviano como *Libertatis Vindex* e, na outra face, a deusa Paz (SUTHERLAND – CARSON, *I*², 79, n.º 476). Ver ZANKER, *The Power of Images*, 54.

⁶³ *Res Gestae* 13; Suet. *Aug.* 22; Díon Cássio 51, 20, 4.

⁶⁴ Apiano, *BC* 5, 130.

mais famosa, e crucial, frase de Anquises ao filho — infelizmente intraduzível —, verdadeira sustentação ideológica do imperialismo romano (*Aen.* 6, 851-853):

*Tu, Romano, lembra-te de governar os povos sob o teu poder
(estas serão as tuas artes), de impor à paz hábitos de vida civilizada
(mores: cf. 8, 316; 1, 264),
de ser misericordioso para com os submissos e de esmagar na guerra os
arrogantes.*

Já na *Écloga* 4, a criança a nascer ‘governará com as virtudes ancestrais o mundo em paz (*pacatum orbem*)’; e Horácio, numa ode a Augusto, descreve um mundo em paz onde não falta uma referência aos ‘marinheiros que voltejam sobre o mar pacificado’ (*pacatum per mare*) (4, 5, 19).

Igualmente significativo é o facto de esta figura estar associada a atributos de abundância. Isto confere-lhe uma dimensão superior. Relaciona-a com a Idade de Ouro, noção fundamental no programa ideológico de Augusto, imortalizada na *Écloga* 4 de Vergílio e no Epodo 16 de Horácio⁶⁵. Dirá Júpiter na *Eneida* referindo-se a Augusto (6, 791-794):

*Este é o homem, este é aquele que tu ouviste tantas vezes ser-te
prometido,
Augusto César, filho de um deus, que fundará de novo a Idade de Ouro
Nos campos onde outrora reinou Saturno.*

Já desde 43, símbolos de fertilidade e abundância aparecem representados em moedas⁶⁶. Tal noção surgira, como vimos, logo após o

⁶⁵ Sobre o motivo da Idade de Ouro no contexto da cultura augustana, ver síntese de GALINSKY, *Augustan Culture*, 90-121.

⁶⁶ SYME, *Roman Revolution*, p. 218. Um denário de Víbio Varo de Novembro de 44 oferece numa das faces a cornucópia e a cabeça de Marco António na outra. Um áureo do ano 40 apresenta Octaviano com a deusa Fortuna e uma cornucópia na outra face (CRAWFORD, n.º 525/1). Um denário da Hispânia de 17-15 a. C. apresenta um capricórnio (o símbolo do zodíaco de Augusto) com a cornucópia e um globo, símbolo do poder sobre o mundo inteiro (GIARD, n.º 1264-1278); um dupôndio de 7 a. C. oferece Augusto com a deusa Vitória e cornucópia (GIARD, n.º 684-686); no denário de ca. 32-29 a. C. acima referido surge a cornucópia com a deusa Paz e o ramo de oliveira (SUTHERLAND – CARSON, I, 59, n.º 252).

assassinato de César, quando se espalhou a ideia de que o cometa que aparecera nos *Ludi Victoriae Caesaris*, no Verão de 44, era sinal do regresso da Idade de Saturno. Os autores da época fizeram-se eco desta imagem. No início das *Geórgicas*, Vergílio apoda Augusto de *auctor frugum* (1, 27) e, na ode acima evocada, Horácio clamará (4, 15, 4-5):

*a tua geração, César,
trouxe de volta as searas e os férteis campos.*

Esta associação entre uma Idade de Ouro e a noção de paz e civilização remete para o famosíssimo passo em que Evandro descreve a Eneias os tempos de Saturno (*Aen.* 8, 319-325):

*Saturno foi o primeiro a vir do etéreo Olimpo
Fugindo às armas de Júpiter, exilado quando lhe foi roubado o seu reino.
Organizou um povo selvagem e disperso pelos altos cumes
E conferiu-lhes leis, e preferiu que se chamasse Lácio,
Visto que nestas costas se tinha escondido em segurança.
No seu reinado foram os séculos que se chamam de ouro:
De tal modo governava os povos numa plácida paz.*

Nas superfícies exteriores laterais, depara-se-nos uma procissão religiosa que evoca, apenas superficialmente, os famosos frisos do Pártenon representando a procissão das Panateneias⁶⁷. Num dos lados vêem os senadores; no outro, Augusto, com a cabeça coberta como se se preparasse para dirigir um sacrifício, e a sua família. Atrás dele vem Agripa, seu genro; depois, os restantes membros da família imperial: Lívia, Tibério, as duas Antónias, sobrinhas de Augusto, com os esposos, respectivamente Druso (filho de um casamento anterior de Lívia e irmão do futuro imperador Tibério) e Aenobarbo, casado com Antónia Maior. Esta representação da família como símbolo da sociedade romana é extremamente sintomática da dimensão que esta adquire no plano dos objectivos morais da política augustana, e contrasta abertamente com os frisos do Pártenon, em que é a própria pólis que está moldada no mármore. Por

⁶⁷ Ver ZANKER, *The Power of Images*, 120-125.

outro lado, é um retrato humanizado, o confere que a este friso um encanto especial. Se bem que uma certa *grauitas* não esteja ausente, o cortejo surge descontraído, atitude certamente proporcionada pela clima de paz, com as crianças irrequietas e distraídas, a puxar a toga dos pais.

Do friso ressalta também uma dimensão política. Como foi dito, atrás de Augusto, dos flâmines e do *rex sacrorum*, vem Agripa, o grande general e velho companheiro de Octaviano. Tal como este, tem a cabeça coberta e a sua figura evidencia-se das demais. No ano 13, quando o altar foi concebido, era o herdeiro escolhido. Casara em 21 com Júlia, a filha de Augusto, e fora por este adoptado. Há, pois, uma mensagem clara sobre a ordem de sucessão do poder.

O resto do monumento está coberto por uma vegetação luxuriante. São essencialmente folhas de acanto (planta que já fora utilizada nos baixos-relevos do templo de Divino Júlio no fórum), papoilas, hera, louro⁶⁸. É uma natureza organizada, mas não totalmente: há diversas assimetrias habilmente combinadas. Tudo isto simboliza a abundância e fertilidade da natureza, expressão do regresso de uma Idade de Ouro, intimamente associada, como é natural, à paz. Há, porém, notas de alerta. Debaixo das folhas, esconde-se, por exemplo, um escorpião; noutra cena, vemos uma serpente a atacar um ninho, com as crias em pânico. São sinais de que mesmo na mais perfeita harmonia de uma Idade de Ouro há perigos à espreita que só a força presente no painel de Roma pode conter: *parta uictoriis pax proclamam as Res Gestae* (13).

*

A Ara Pacis Augustae revela-se, assim, uma das realizações estéticas mais representativas da cultura da época. Nela estão inscritos

⁶⁸ J. POLLINI, 'The Acanthus of the Ara Pacis as an Apolline and Dionysiac Symbol of *Anamorphosis*, *Anakyklos*, and *Numen Mixtum*, in M. KUBELIK-E. SCHWARTZ (eds.), *Von der Bauforschung zur Denkmalpflege. Festschrift für Alois Machatschek* (Wien 1993) 182-217.

alguns dos mais poderosos motivos que o *princeps* integrou no seu programa político e ideológico e que utilizou e manipulou para construir a sua imagem: os mitos da fundação, associados ao mito da Idade de Ouro. É claro que o altar é uma celebração da paz. É assim, de resto, que Ovídio o canta a propósito do dia da inauguração (*fast.* 1, 709-719):

*O próprio poema conduziu-nos até ao altar da Paz.
O dia é o segundo a contar do final do mês.
Vem, Paz, de cabelos atados com as ramagens de Áccio,
Deixa-te ficar gentil na terra inteira.
E embora faltem inimigos e faltem também motivos para os triunfos,
tu serás glória maior do que a guerra para os nossos generais.
Que o soldado traga armas apenas para conter as inimigas armas,
Que a feroz tuba jamais cante a não ser nos solenes cortejos.
Que o mundo, o mais perto e o mais longínquo, viva em terror dos filhos
de Eneias,
E se alguma terra houver que não tema Roma, que a ame.
Trazei incenso, sacerdotes, para as chamas do altar da Paz,
Que uma alva vítima caia, a frente golpeada.
E implorai aos deuses, que são favoráveis aos piedosos votos,
Que a casa que garante a paz em paz para sempre viva.*

Ele, porém, representa mais do que uma celebração da tranquilidade e da prosperidade da geração de Augusto. Com efeito, à medida que aprofundamos a leitura, novos níveis de sentidos vão surgindo. Vemos o *princeps*, numa atitude de *pietas* plena de significados, acompanhado pela família (base de sustentação da organização social idealizada pelo núcleo de poder de Augusto) e pelos mais ilustres membros da sociedade romana. Rodeia-o uma ambiência de paz, de riqueza, de abundância espontânea, mas da qual as armas não estão ausentes, e da qual Augusto é simultaneamente autor e garante. Além disso, ele está enquadrado por alegorias de valores dos mais fundamentais para a cultura romana, como linhas condutoras de uma ideologia, e pelos portentosos mitos da fundação da Cidade, ricos de sentidos e ideais, que se referem simultaneamente a Roma e à própria *gens* do *princeps*, e que expressam, além do mais, os princípios ideológicos de refundação do

estado romano. A Ara Pacis Augustae é, pois, por detrás da complexidade e multiplicidade de significados, expressão riquíssima de um programa ideológico e de uma imagem emblemática que Augusto e o seu núcleo de partidários queriam expor aos contemporâneos e perpetuar para os vindouros.

* * * * *

Resumo: Percorrendo os motivos inscritos na decoração da *Ara Pacis Augustae*, um dos mais emblemáticos monumentos do tempo de Augusto, discorre-se sobre a forma como o *princeps* e os seus ideólogos incorporaram os mitos da fundação da Cidade no processo de construção de um ideário político.

Palavras-chave: Cultura Clássica; Cultura Romana.

Resumen: Recorriendo los motivos inscritos en la decoración del *Ara Pacis Augustae*, uno de los monumentos más emblemáticos del tiempo de Augusto, se reflexiona sobre la forma en que el *princeps* y sus ideólogos incorporaron los mitos de la fundación de la Ciudad en el proceso de construcción de un ideario político.

Palabras clave: Cultura Clásica; Cultura Romana.

Résumé: Tout en parcourant les motifs inscrits sur la décoration de l'*Ara Pacis Augustae*, l'un des plus emblématiques monuments du temps d'Auguste, nous analyserons la manière dont le *princeps* et ses idéologues introduisirent les mythes de la création de la Cité dans le processus d'élaboration d'une idéologie politique.

Mots-clé: Culture classique; culture romaine.